



A ESTRUTURA DO AUTOCONCEITO EM ESTUDANTES DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ÓTICA DO MODELO INTEGRADO DE L'ECUYER: UMA ANÁLISE TEMÁTICA

Verônica Barros de Fonte Silva,
Alexsandro Medeiros do Nascimento,
Marijaine Rodrigues de Lima Freire
Antonio Roazzi

Resumo: Este estudo teve como objetivo levantar as categorias definidoras do autoconceito segundo o modelo integrado de L'Ecuyer em adolescentes pernambucanos, permitindo assim o início de sistematização do teste empírico do modelo teórico citado de autoconceito fenomenal em sua adequação à descrição fenomenológica deste sistema cognitivo em contexto de falantes de língua portuguesa do Brasil. A amostra de pesquisa foi composta de 22 adolescentes, entre 10 e 14 anos de idade, estudantes do 6º ano do ensino fundamental de escolas públicas e privadas da cidade de Recife (PE). Os participantes responderam à pergunta “Quem é você?”, e suas respostas foram submetidas à análise qualitativa por meio de Análise Temática para verificar, dentro dos temas abrangentes constituintes, se as categorias propostas pelo modelo integrado de L'Ecuyer emergiriam. A partir das respostas dadas pelos adolescentes, da análise emergiram sete categorias temáticas (temas), a saber, (1) Identidade, (2) Família, (3) Amigos, (4) Preconceito e Bullying, (5) Gostos, (6) Qualidades, e, (7) Sentimentos. As correspondências com o modelo integrado foram mapeadas, como: *Denominações Simples* (Identidade), *Sentimentos e Emoções* (Sentimentos e Preconceito e Bullying), *Qualidades e Defeitos* (Qualidades), *Enumeração de Atividades e Gostos e Interesses* (Gostos). Tais resultados iniciais sinalizam para possível adequação do modelo integrado à descrição fenomenal do autoconceito em adolescentes brasileiros. Todavia, mais estudos, com amostras mais robustas e de diferentes regiões do país, são necessários, para teste rigoroso do modelo teórico citado para uso do mesmo em pesquisa psicológica e desenvolvimental em nosso contexto.

Palavras-Chave: Autoconceito fenomenal; modelo integrado de L'Ecuyer; adolescentes; ensino fundamental; análise temática; fenomenologia.

Abstract: This study aimed to raise the defining categories of self-concept according to L'Ecuyer's integrated model in adolescents from Pernambuco, thus allowing the beginning of the systematization of the empirical test of the aforementioned theoretical model of phenomenal self-concept in its adequacy to the phenomenological description of this cognitive system in the context of Brazilian Portuguese speakers. The research sample consisted of 22 adolescents, between 10 and 14 years old, students in the 6th year of an elementary school in public and private schools in Recife (PE). The



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

participants answered the question, “Who are you?” and their answers were submitted to qualitative analysis through Thematic Analysis to verify whether the categories proposed by L’Ecuyer’s integrated model would emerge within the comprehensive constituent themes. From the answers given by the adolescents, seven thematic categories (themes) emerged from the analysis, namely, (1) Identity, (2) Family, (3) Friends, (4) Prejudice and Bullying, (5) Likes, (6) Qualities, and, (7) Feelings. Correspondences with the integrated model were mapped, such as Simple Denominations (Identity), Feelings and Emotions (Feelings and Prejudice and Bullying), Qualities and Defects (Qualities), Enumeration of Activities and Likes and Interests (Likes). These initial results point to the possible adequacy of the integrated model to the phenomenal description of self-concept in Brazilian adolescents. However, more studies, with more robust samples and from different regions of the country, are needed to rigorously test the theoretical model mentioned for its use in psychological and developmental research in our context.

Keywords: Phenomenal self-concept; integrated model by L’Ecuyer; teenagers; elementary School; thematic analysis; phenomenology.

O autoconceito é mais fortemente desenvolvido durante a infância e adolescência, a partir da percepção das avaliações que as pessoas significativas fazem a respeito do indivíduo. De modo que, a opinião dos outros influencia o conceito que o indivíduo tem de si mesmo e o seu grau de autoestima pode determinar até que ponto essa influência é exercida. Pois, a reputação pessoal tende a ser avaliada mediante o prestígio adquirido entre os pares e, à medida em que experiências de sucesso vão se sucedendo, a autoestima tende a aumentar, levando o indivíduo a acreditar mais em si mesmo, assim como os outros, o que pode desencadear elevação no seu *status* social. Além disso, quanto mais condições são oferecidas ao indivíduo, mais chances ele tem de ter êxito, portanto, quem pertence às classes sociais mais altas, tende a experimentar mais sentimentos de autoconfiança, que podem estar associados às posições de poder e prestígio social, enquanto que os que se encontram nas camadas sociais mais baixas, podem introjetar um imaginário de inferioridade, desenvolvendo menor confiança em si mesmo (Cruz & Esposito, 2013).

Nos estudos sobre o autoconceito há uma escassez de investigações em perspectiva fenomenal, inclusive no Brasil. O que se encontra é uma hegemonia de métodos quantitativos e psicométricos como mostram esses



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

trabalhos mais recentes, como em Martins e Veiga (2018), que utilizaram-se dessa metodologia para caracterizar o autoconceito de jovens, diferenciando-os quanto a idade e o sexo. Sacilotto e Abaid (2021), também fizeram uso da psicometria para investigar possíveis relações entre o autoconceito, o desempenho escolar e as práticas educativas parentais, em estudantes adolescentes. Um estudo português, utilizou esses métodos para caracterizar o *bullying* e explorar a sua relação com o autoconceito e a empatia, em estudantes do Ensino Fundamental (Marques, 2021). Crochick (2019), também tratou essa temática por este método. Um outro grande estudo, envolvendo estudantes da quarta série de 32 países, também utilizou-se de metodologia quantitativa para examinar as diferenças de gênero e o autoconceito dos alunos em relação ao desempenho em matemática, características dos pais e outros fatores associados (Mejía-Rodríguez, Luyten & Meelissen, 2021).

Inclusive, trabalhos já antigos realizados no Brasil com o uso do modelo integrado de L'Ecuyer (1985), também fizeram uso de escalas psicométricas para descrever o autoconceito dos adolescentes, como em Novaes (1985). Em perspectiva qualitativa, houve uma maior dificuldade em encontrar estudos recentes, os quais estão tipificados em Hoffmann et al. (2018), que utilizam a Análise de Conteúdo para compreender os efeitos do produtivismo sobre o trabalho docente e seus reflexos na estruturação do autoconceito profissional; e em Caldin et al. (2021), que analisaram o autoconceito de pacientes com câncer a partir da fenomenologia de Merleau-Ponty. Tais trabalhos de viés qualitativo são uma clara exceção ao padrão psicométrico cristalizado na produção da área, que também mostra-se insipiente comparativamente a outros temas de pesquisa em desenvolvimento cognitivo.

Assim, devido ao número reduzido de trabalhos, em perspectiva fenomenal, faz-se necessário fomentar esse tipo de estudo para conseguir extrair a essência dos relatos dos participantes, que é o intuito do presente trabalho, cujo foco está em realizar um teste empírico do Modelo Integrado de



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

L'Ecuyer para levantar a descrição fenomenológica das dimensões do autoconceito em uma amostra de adolescentes pernambucanos.

O Estudo do Autoconceito na Psicologia

Em Psicologia, o autoconceito é referido como a percepção do indivíduo sobre suas características próprias. Alguns fatores influenciam a constituição dessa noção do “eu”, como as experiências pessoais, a interação e a percepção de outros significativos em sua vida, como pais, professores, amigos, entre outros, fazendo com que atitudes e condutas pessoais mostrem-se distintas conforme o contexto em que se está inserido. O autoconceito está entre os mais antigos construtos estudados em psicologia, sendo dos mais difíceis de serem investigados cientificamente, implicando numa multidimensionalidade teórica (ver L'Ecuyer, 1985). Constitui-se como um elemento central na formação da personalidade, configurando um indicador de satisfação pessoal e de bem-estar psicológico (Martins & Veiga, 2019).

Esses autores apontam ainda que os estudos têm mostrado que a formação do autoconceito inicia-se nos primeiros anos de vida, sendo a autopercepção mais maleável nos períodos da infância e adolescência, tornando-se diversa e multidimensional à medida em que se alcança a adultez até o fim da vida. Mostram também que os níveis de autoconceito são relativamente altos na infância devido à incapacidade que as crianças pequenas têm de formar representações complexas de si mesmas, levando-as a uma percepção irrealista de suas capacidades. Durante a adolescência observa-se um contínuo declínio do autoconceito, também podendo ser atribuído às mudanças que se dão na puberdade. Nessa fase, a evolução da cognição permite pensamentos mais abstratos sobre si mesmo, além dos desafios acadêmicos e sociais em períodos de transição escolar. À medida que se amadurece, verifica-se aumentos e diminuições em vários domínios do autoconceito, porém, sem sinais de desestabilização (Ferro & Boyle, 2013; Martins & Veiga, 2019).



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Conforme esses autores, o desenvolvimento cognitivo vai permitindo uma maior compreensão de si mesmo, e que, mediante *feedbacks* sociais, por vezes, são reveladas algumas fraquezas pessoais, fazendo com que se adquira uma percepção mais realista das próprias capacidades. Pontuam ainda a importância desse construto no estudo da psicologia dos adolescentes, uma vez que a promoção do autoconceito tem relação direta com benefícios acadêmicos, familiares, sociais e comportamentais, refletidos em maior envolvimento e desempenho escolar e um adequado ajustamento psicossocial e emocional nessa fase do desenvolvimento.

Neste sentido, as relações familiares figuram como um dos fatores principais a exercer influência no desenvolvimento e estrutura do autoconceito. Pois a família constitui o primeiro grupo social do indivíduo, o qual media seu contato com o mundo, bem como molda-lhe uma compreensão acerca do que o mundo aguarda dele em termos de comportamento (Céos, 2020). Assim, quando o ambiente familiar atende suas necessidades afetivas, morais, de segurança e saúde, estabelece limites e disciplina adequada, desenvolve-se um autoconceito positivo, tido como um componente essencial para a promoção da saúde mental, habilidades sociais e bem-estar. Entretanto, quando estas necessidades não são atendidas, e a família oferece atitudes autoritárias, julgadoras, punitivas, sem apresentar alternativas, o indivíduo poderá desenvolver um autoconceito negativo que, mesmo não estando diretamente associado a distúrbios psicológicos, tem sido relacionado a um maior risco de desenvolver depressão, ansiedade, abuso de drogas, agressividade, comportamento criminoso e baixos níveis de escolaridade e qualidade de vida (Céos, 2020; Ferro & Boyle, 2013).

Indivíduos que vivenciam boas relações familiares tendem a perceberem-se e julgarem-se mais positivamente em relação às próprias características e capacidades, mesmo que estas não estejam de acordo com os parâmetros socialmente estabelecidos, do que aqueles que vivenciam uma relação familiar fragilizada, a qual influencia negativamente tanto a própria



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

avaliação quanto a avaliação das informações recebidas do meio no qual estão inseridos (Baptista, Rueda & Brandão, 2017). O suporte familiar também tem forte influência na qualidade do desempenho escolar em todas as suas fases, desde a infância até a vida adulta. Pois, atitudes familiares ativas, favorecem tanto a motivação quanto a resolução de problemas e engajamento nas atividades escolares, promovendo maior preparação e segurança e, conseqüentemente, um melhor autoconceito escolar (Céos, 2020; Murgo & Sena, 2018).

Cruz e Esposito (2013) encontraram em suas investigações uma relação positiva entre autoconceito e desempenho escolar, portanto, possuidores de melhores índices deste último, são mais predispostos a pensarem positivamente sobre si mesmos, enquanto que aqueles que apresentam dificuldades de aprendizagem tendem a ter um autoconceito negativo. Tal resultado foi confirmado por Murgo e Sena (2018), ao analisarem a forma como o autoconceito influencia o desempenho acadêmico em estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública. Mostraram que essa relação tem grande impacto no engajamento nas atividades escolares, bem como nas experiências de sucesso ou insucesso e nos *feedbacks* recebidos de pais, professores e pares, reforçando o autoconceito que a pessoa já possui, tanto o positivo como o negativo. Uma vez que os alunos julgam a si mesmos com base em comparações que fazem de si e nas reações dos outros em relação ao seu desempenho. O estudo de Sacilotto e Abaid (2021), também comprovou que quanto maior o autoconceito social, melhor o desempenho escolar do estudante.

Céos (2020) refere ainda outros fatores importantes na constituição do autoconceito, como a autoimagem, a autoestima e a identidade. Em relação à autoimagem, pontua que esta vai sendo construída culturalmente, na interrelação com o outro, mediante opiniões e julgamentos deste. Como também no modo como o próprio indivíduo se vê, conforme é fortalecido nele a necessidade ou não de se enquadrar ao que é considerado adequado



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

socialmente. Quando a necessidade de enquadramento é grande, há diminuição da autoestima e promoção de sofrimento psicológico; quando não, dá-se uma melhor relação com a própria imagem, diminuindo os riscos de sofrimento emocional e mantendo-se um autoconceito positivo, o que é primordial na construção de sua identidade.

A autoestima está relacionada ao fenômeno de compensação e descompensação emocional, associada à diferença entre o autoconceito ideal e o real, como também às características mais apreciadas e às menos aceitas numa sociedade competitiva. Desse modo, a autoestima seria diretamente proporcional ao conceito que o indivíduo possui de si mesmo, correspondendo a um sentimento de valor pessoal e de respeito próprio, geralmente, permeado por outros sentimentos e processos afetivos que colaboram para formar o conjunto de atitudes e ideias que cada um tem sobre si, contribuindo para a formação do autoconceito (Céos, 2020; Cruz & Espósito, 2013).

Sobre o autoconceito e autoimagem em crianças obesas, Carvalho et al. (2005) verificaram que a maioria das crianças com sobrepeso não se acham bonitas e estão insatisfeitas com seu corpo. No entanto, apesar de mostrarem-se incomodadas com a sua aparência, concordam com a opinião de outros quando dizem que possuem olhos e/ou rostos bonitos, inteligência e que participam voluntariamente em atividades na escola. Esse fato faz com que haja um movimento de deslocamento da sua atenção da obesidade para tais características, diluindo mais a angústia de não estar dentro dos padrões de beleza da sociedade. Contudo, a insatisfação com o corpo não aparece apenas nas crianças obesas, ela também ocorre nas não obesas, só que em menor frequência.

Na adolescência, os estudos apontam um aumento na preocupação com a aparência socialmente aceita, dando-se uma maior insatisfação com a autoimagem, devido também às transformações naturais do desenvolvimento humano. No momento presente, valoriza-se entre as meninas um corpo esbelto e curvilíneo e, entre os meninos um corpo forte, com musculatura definida. O



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

que faz com que, não alcançar esse ideal corporal, possa causar alterações no autoconceito (Céos, 2020). De acordo com Carvalho et al. (2005), há uma tendência de associar obesidade a problemas emocionais, no entanto, ressaltam que é necessário desmitificar essa relação, principalmente para os pais que tentam justificar o excesso de peso de seus filhos sem refletir quanto à qualidade e ao balanceamento dos alimentos oferecidos a estes.

Entre os fatores preditivos de desenvolvimento de autoconceito negativo encontram-se, entre outros, a Ansiedade Social (Delgado, Inglés & García-Fernández, 2013) e o *Bullying* (Bandeira & Hutz, 2010; Céos, 2020; Crochick, 2019). De acordo com Delgado, Inglés e García-Fernández (2013), adolescentes que apresentam Ansiedade Social são mais instáveis emocionalmente do que os que não a apresentam. Em geral têm menor propensão em perceberem positivamente suas relações entre pares, tanto do mesmo sexo como do sexo oposto, considerando-se fisicamente menos atrativos, como também, apresentando um baixo autoconceito escolar.

O *Bullying* é uma prática que ocorre em ambiente escolar, e existe desde que existe a escola com o mesmo potencial de afetação negativa do autoconceito, contudo sua investigação científica só teve início na década de 1970 (Crochick, 2019). Trata-se de um verbo derivado do adjetivo inglês *Bully* que significa valentão, tirano. Designa o uso da superioridade física para intimidar, humilhar, tiranizar e amedrontar outra pessoa, de forma repetida e sistemática numa relação desigual de força e poder entre o agressor e a vítima. É definido como hostilidade de um indivíduo ou grupo, geralmente mais velho(s) e/ou mais forte(s) sobre indivíduos mais vulneráveis que não conseguem reagir adequadamente para evitar a agressão (Crochick, 2019; Quevedo et al., 2018).

Geralmente, envolve três personagens, agressor, vítima e plateia ou testemunhas, em que o agressor assume uma postura de superioridade em oposição à postura de inferioridade da vítima. A plateia é configurada pelos que apenas presenciam o ato, mas não praticam e nem sofrem agressões. Os



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

níveis das agressões vão de leve, como pequenas provocações, aos mais pesados, como a violência física e sexual (Crochick, 2019). Observa-se que qualquer um que passe a percepção de fragilidade pode tornar-se vítima de *bullying*, enquanto que aspectos socialmente desvalorizados, como atributos físicos e psicológicos, socioeconômicos, de raça e orientação sexual específicos, estão mais associados a atitudes de preconceito, podendo também virar motivo para o *bullying* (Céos, 2020; Crochick, 2019).

Contudo, Bandeira e Hutz (2010) pontuam que embora os agressores sejam geralmente pessoas populares e que exercem domínio sobre os seus alvos, há também os que são, ao mesmo tempo, agressores e vítimas, caracterizados por possuírem uma boa dose de insegurança, motivo pelo qual tornam-se vítimas, mas que buscam agredir outros em situação inferior à sua para encobrirem suas limitações. Os prejuízos causados podem ser físicos e/ou emocionais, pois o domínio pode se dar tanto a nível psicológico como físico, ou os dois simultaneamente, uma vez que nesta fase do desenvolvimento, a percepção dos pares sobre si é de grande relevância na formação do autoconceito.

Grande parte dos pesquisadores consideram o autoconceito como uma estrutura relativamente estável da identidade do indivíduo, que vai passando por mudanças conforme o crescimento e maturidade do mesmo. Contudo não chega a consolidar-se definitivamente, com suas mudanças refletindo a idade e o acúmulo de experiências de cada um. Sua formação tem início nos primeiros anos de vida e sua estrutura vai evoluindo com o tempo e tornando-se diversificada e multidimensional (Martins & Veiga, 2019). Tais flutuações ao longo das fases da vida, mostram que o autoconceito, além de ser uma estrutura também é um processo, pois ao mesmo tempo que é estável, é também dinâmico. Nesse sentido, Gecas (1982) pontua ser necessário fazer uma distinção entre os termos *self* e autoconceito, para evitar confusão quanto ao autoconceito como estrutura e como processo. O *self* refere-se ao processo de reflexão que surge da dialética entre o “eu” e o “mim”, enquanto que o



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

autoconceito é um produto dessa atividade reflexiva. Portanto, o autoconceito é o conceito físico, social, espiritual e moral que o indivíduo tem de si mesmo. Todavia, há um importante enlace entre o processo de construção do autoconceito e os modos de autoexperienciação emergentes da atividade do *self*, aspecto que carece de aprofundamento na pesquisa cognitiva (Nascimento et al., no prelo).

Perspectiva fenomenal nas ciências cognitivas e na psicologia

Segundo Chalmers (1996) a consciência tem sido um grande obstáculo do ponto de vista científico, por ainda representar um grande mistério. Diferentemente do que ocorre com a ciência biológica, mesmo não estando completa, ainda assim é bem compreendida. A ciência cognitiva e a neurociência têm conseguido avanços na compreensão do comportamento humano, mas ainda não existe clareza de como deve ser uma teoria da consciência. Mesmo que tenhamos razões para acreditar que a consciência surge a partir de sistemas físicos como o cérebro, ainda não sabemos bem como ela surge ou porque ela existe, nem qual seu exato papel no processamento cognitivo. Para esse estudioso, uma teoria correta da consciência poderia afetar a concepção do universo e da humanidade de forma mais profunda que qualquer outro conhecimento científico. Acredita ainda que a forma mais fácil de desenvolver uma teoria da consciência seria negando sua existência ou tentando explicá-la como algo que ela não é, portanto, não resolvendo seu problema central. O qual se daria por uma via mais difícil, mas, certamente, alcançaria-se uma teoria da consciência que não negaria seu substrato ontológico mais fundamental e definidor: sua fenomenalidade¹.

Apesar de existir algum conhecimento a respeito da consciência e de ser algo tão real para cada um, ela continua sendo um enigma, pois é difícil definir o que ela é, o que faz e por que evoluiu. A experiência consciente faz parte do

¹ Os famosos “*qualia*” da consciência (ver Nascimento, 2008), o que constitui o problema difícil da mesma (os *hard problems*, na terminologia de Chalmers, 1996).



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

mundo natural, portanto, como outros fenômenos naturais, requer que se dêem explicações sobre sua natureza. A psicologia cognitiva apesar de poder dizer muito sobre a mente, pouco tem a dizer sobre a consciência. Portanto, ainda há muitas lacunas a serem preenchidas nesse “quebra-cabeça” chamado consciência, que vêm, pouco a pouco, sendo desvendadas, tanto pela fenomenologia como pela ciência cognitiva. Avanços ainda singelos tem-se observado, especialmente, com o retorno à ciência cognitiva dos procedimentos metodológicos introspectivos ou em primeira pessoa, os quais buscam acerrar com rigor elementos da experiência consciente, o que dantes era inaceitável dada uma epistemologia fisicalista, funcionalista e/ou comportamentalista prevalente nos estudos psicológicos (Nascimento et al., no prelo; Figueiredo & de Santi, 2011).

Ao longo do tempo a subjetividade humana, primeiro objeto de estudo da psicologia, foi sendo rechaçada desse campo de conhecimento por representar um obstáculo ao progresso da psicologia como ciência, segundo o movimento behaviorista (Figueiredo & de Santi, 2011). Na epistemologia comportamentalista, que primava pelo método mais objetivo possível nas investigações, apenas o que pudesse ser observável e mensurado poderia fazer parte dela, como no caso, o comportamento, pois não seria possível obter informações precisas da experiência interna do indivíduo. Assim, contrariando esse pensamento, o ponto de vista fenomenológico busca solicitar que o indivíduo descreva sua experiência tal como ele a percebe, propiciando acesso ao seu mundo interno, a sua subjetividade. Em paralelo à fenomenologia, a psicologia cognitiva tem empenhado esforços para estudar a subjetividade oferecendo técnicas que favorecem trazer ao domínio público aquilo que é privado no indivíduo (Zumalabe, 1990).

Com base no que foi explicitado, a introspecção tem sido motivo de controvérsias na ciência psicológica, por apresentar dados subjetivos, portanto, considerados menos precisos do que os dados objetivos, em terceira pessoa. No entanto, autores atuais como Magalhães, Nascimento e Roazzi (2019),



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

ressaltam a importância de se ter uma atitude de confiança nos autorrelatos dos participantes, pois a introspecção é um método que possibilita ao indivíduo acessar informações sobre sua experiência consciente que não é possível por outros métodos, uma vez que apenas o próprio indivíduo é capaz de fornecer informações privativas sobre seu estado consciente.

Portanto, o fato de haver dificuldade na autoinspeção não significa que o método não seja capaz de obter relatos acurados da experiência interna do indivíduo. Uma vez que a maneira que o indivíduo percebe a si mesmo e as suas experiências pode influenciar seu comportamento, de modo que a subjetividade não deve ser ignorada no estudo da personalidade, devendo uma perspectiva mais tradicional em psicologia, como a experimental ou baseada em instrumentos psicométricos, ser complementada com um enfoque fenomenal no acercamento dos objetos de investigação concernentes aos aspectos variados da mente, experiência imediata e comportamento observável (Chalmers, 1996; Figueiredo & de Santi, 2011, Magalhães, Nascimento & Roazzi, 2019; Zumalabe, 1990).

Autoconceito fenomenal no Modelo Integrado de René L'Ecuyer

O autoconceito é, segundo o Modelo Integrado de L'Ecuyer (1985), um sistema multidimensional, hierárquico e fenomenal, sendo composto de estruturas fundamentais que se referem a aspectos globais de percepções de si mesmo. Tais percepções seriam tudo o que o indivíduo reconhece como fazendo parte de si. Estas estruturas subdividem-se em porções mais delimitadas que são chamadas de subestruturas, fracionando-se em elementos ainda mais específicos que são as categorias. O modelo integrado de L'Ecuyer possui um enfoque fenomenal porque apoia-se em critérios centrados na experiência intrapessoal do indivíduo, explorando suas vivências sob um ponto de vista mais interior que exterior, a partir dos acontecimentos que o afetam, na busca de compreender a maneira pela qual ele se percebe e como organiza o conjunto de percepções que tem de si mesmo.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Há dois tipos de tendência entre os autores que utilizam o enfoque fenomenal: a) O enfoque social que estuda o conceito de si mesmo em relação aos demais, identificando o grau de importância que o outro tem na formação do autoconceito; e b) O enfoque individual que se inspira na teoria da personalidade, em que os mecanismos de percepção de si mesmo são eminentemente internos, apesar do outro exercer alguma influência na constituição do conceito de si mesmo, todavia, este possui uma importância limitada (L'Ecuyer, 1985).

Este modelo é considerado integrado por ser derivado da análise de diversos conceitos de si mesmo que vêm sendo elaborados desde 1890 a partir do trabalho pioneiro de William James (1842-1910), com a finalidade de identificar quais os elementos que contribuem na sua constituição. Por possuir muitos elementos, abrangendo diversas dimensões, organiza-se hierarquicamente em percepções centrais e secundárias. Portanto, a noção de si mesmo é multidimensional por ser composta por estruturas fundamentais que compreendem subestruturas que subdividem-se em partes mais específicas chamadas de categorias (L'Ecuyer, 1985).

O modelo apresenta cinco estruturas: **1- Si mesmo material, 2- Si mesmo pessoal, 3- Si mesmo adaptativo, 4- Si mesmo social, e 5- Si mesmo-Não-si mesmo.** A estrutura **Si mesmo material** refere-se aos enunciados em que o indivíduo menciona seu próprio corpo e as diferentes possessões às quais ele se identifica. Divide-se em duas subestruturas: Si mesmo somático e Si mesmo possessivo. Na primeira o indivíduo faz alusão ao corpo e divide-se em duas categorias: 1. *Características e aparência física*, que corresponde aos enunciados onde se menciona diferentes partes de seu corpo ou as descreve em termos de aparência; 2. *Condição física*, que corresponde aos enunciados em que o indivíduo faz referência ao estado de saúde, às diversas sensações corporais, às enfermidades e às atividades fisiológicas gerais. A subestrutura Si mesmo possessivo é a que inclui todos os elementos que podem ser chamados “meus”, referindo-se tanto aos objetos como às pessoas, possui duas categorias:



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

1. *Possessão de objetos*, refere-se aos objetos animados e inanimados, os quais a pessoa se sente possuidor; 2. *Possessão de pessoas*, que apresenta um caráter possessivo atribuído às pessoas significativas.

A estrutura **Si mesmo pessoal** engloba os enunciados em que o indivíduo faz referência às características mais internas ou psíquicas, subdivide-se em duas subestruturas: Imagem de si mesmo e Identidade de si mesmo. A primeira compreende uma grande variedade de descrições de diversos aspectos da experiência de si mesmo, possui seis categorias: 1. *Aspirações*, que correspondem aos ideais, anseios e desejos do indivíduo; 2. *Enumeração de atividades*, que se refere a jogos, esportes, passatempos, atividades intelectuais ou manuais as quais o indivíduo se dedica; 3. *Sentimentos e emoções*, que se referem aos diversos estados emocionais expressados pelo indivíduo; 4. *Gostos e interesses*, que se referem às coisas que exercem atração ou repulsão sobre o indivíduo (difere da categoria *Enumeração de atividades* por mencionar a afeição que tem por elas); 5. *Capacidades e atitudes*, que se referem aos enunciados os quais o indivíduo manifesta a natureza de seus recursos sem atribuir juízo de valor; 6. *Qualidades e defeitos*, que se referem às descrições de si mesmo em termos de qualidades positivas e negativas. A subestrutura Identidade de si mesmo passa do nível meramente descritivo de si mesmo para um nível mais profundo da consciência de ser e de existir do indivíduo. Subdivide-se em cinco categorias: 1. *Denominação simples*, que corresponde às referências ao nome, idade, residência, sexo; 2. *Papel e estatuto*, referindo-se aos diversos postos e funções que são desempenhados ou ocupados pelo indivíduo, tanto na escola como no trabalho; 3. *Consistência*, que se refere aos sentimentos de coerência ou incoerência internas, continuidade ou descontinuidade, compreensão ou incompreensão daquilo que ocorre na própria intimidade; 4. *Ideologia*, que se refere aos enunciados que se constituem numa filosofia de vida. Trata-se de provérbios, formulações de princípios de vida e observações sobre a vida; 5.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Identidade abstrata, trata-se de referências existenciais vagas, o indivíduo se atribui uma espécie de etiqueta difícil de ser identificada a ideologia.

A estrutura **Si mesmo adaptativo** refere-se aos enunciados em que aparecem as reações do indivíduo diante das percepções de si mesmo. Divide-se em duas subestruturas: Valor de si mesmo e Atividades de si mesmo. A primeira se refere aos enunciados que implicam num juízo de valor sobre si mesmo, que pode ser positivo ou negativo, dependendo de um sistema de valores pessoais ou imposto pelo exterior. Subdivide-se em duas categorias: 1. *Competência*, que se refere aos enunciados em que o indivíduo passe uma impressão de eficácia real que vai além de uma simples enumeração de capacidades e atitudes; 2. *Valor pessoal*, que se refere aos enunciados que possuem juízo de valor positivo ou negativo em função de um protótipo qualquer que é mais profundo que uma simples descrição de qualidades e defeitos. A subestrutura Atividades de si mesmo refere-se aos enunciados que indicam diversos modos de ação ou reação diante das percepções de si mesmo e da realidade. Subdivide-se em seis categorias: 1. *Estratégia de adaptação*, refere-se aos enunciados que especificam a maneira das pessoas optarem por obedecer ou não às solicitações das pessoas; 2. *Autonomia*, refere-se aos enunciados em que o indivíduo assume responsabilidades inerentes a uma situação em que está enfrentando; 3. *Ambivalência*, refere-se às vacilações e contradições do indivíduo diante da tomada de decisão; 4. *Dependência*, refere-se aos enunciados em que a pessoa especifica que renuncia em enfrentar a ação, submetendo-se às decisões dos outros; 5. *Atualização de si mesmo*, refere-se aos enunciados que mostram o indivíduo com a sensação de evolução positiva; 6. *Estilo de vida*, faz referência às diversas maneiras de vivenciar, de modo geral, a própria vida.

A estrutura **Si mesmo social**, refere-se aos enunciados em que o indivíduo emerge de si mesmo e se abre para os outros, interagindo com o próximo. Divide-se em duas subestruturas: Preocupações e atitudes sociais e Referência ao sexo. A primeira refere-se aos enunciados que especificam a



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

participação real ou o desejo de participar de atividades com outras pessoas.

Subdivide-se em três categorias: 1. *Receptividade*, refere-se aos enunciados em que o indivíduo demonstra que estabelece uma comunicação positiva com o próximo ou desejo de se comunicar com ele; 2. *Dominação*, refere-se ao aspecto negativo em que o indivíduo domina ou se sente dominado em relação aos demais, em que diversas formas de agressividade ocorram de modo real ou velado; 3. *Altruísmo*, refere-se ao enunciado em que o indivíduo se coloca a serviço do próximo sem esperar nada em troca. A subestrutura Referência ao sexo refere-se aos enunciados que mostram como está integrada a realidade sexual do indivíduo: tomada de consciência e tipos de comunicações com o próximo como pessoas sexuadas. Não se trata de uma simples referência ao próprio sexo, mas da relação com o outro. Subdivide-se em duas categorias: 1. *Referência simples*, que se refere aos enunciados simples do tipo: “tenho três amigos, dois meninos e uma menina”; 2. *Atração e experiências sexuais*, que se referem aos enunciados que mostram uma maior ou menor sensibilidade diante de experiências sexuais mais profundas.

A estrutura **Si mesmo-Não-si mesmo** refere-se aos enunciados em que o indivíduo não fala de si e sim de outra pessoa, sendo uma espécie de identificação por contraste. Divide-se em duas subestruturas: Referência ao próximo, que se refere aos enunciados em que o indivíduo não fala diretamente de si mesmo, apenas do outro; e a subestrutura Opinião do próximo, a qual refere-se aos enunciados em que o indivíduo fala da opinião que os outros têm de sua pessoa.

As estruturas, subestruturas e categorias propostas pelo Modelo Multidimensional e Integrado de L’Ecuyer (1985) foram analisadas, num estudo realizado por Novaes (1985), numa amostra de 1.156 adolescentes brasileiros, objetivando compreender a evolução do autoconceito na adolescência, fase considerada instável devido às influências socioculturais que podem levar o indivíduo a passar por crises de identidade, verificando também se, realmente, há diferenças significativas entre uma faixa etária e



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

outra, entre os sexos, como também entre grupos de níveis sociais e culturais distintos. Os resultados desse estudo apontaram para a comprovação das hipóteses teóricas desse modelo, como a hierarquização dos componentes, a centralidade das percepções, e as influências sociais e culturais, provando assim, ser este um modelo útil para verificar pontos críticos do desenvolvimento do autoconceito em adolescentes brasileiros e poder, assim, servir de subsídio para orientar esse processo.

Como foi pontuado anteriormente, há uma escassez de estudos que utilizam o Modelo Integrado de L'Ecuyer para descrever o autoconceito em crianças e adolescentes brasileiros, e os estudos encontrados, por seu delineamento correlacional e ênfase psicométrica, desconsideram a escolha de dados que privilegiem a captação introspectiva das autopercepções dos indivíduos, foco do presente trabalho.

MÉTODO

Participantes - Participaram do estudo 22 adolescentes, estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental, sendo 13 de escolas públicas (EPu) e nove de escolas privadas (EPr) do Grande Recife, com faixa etária entre 10 e 14 anos e Média de idade de 11,5 anos. Pareados por sexo, 50% (11) do sexo feminino e 50% (11) do masculino.

Instrumentos - A coleta de dados sobre o autoconceito foi realizada através do instrumento “*Quem é você?*” (Nascimento et al., no prelo), respondido a próprio punho pelos participantes. Foi utilizado apenas papel com a pergunta impressa e uma caneta.

Procedimentos - A coleta de dados foi realizada por graduandos em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) após a apresentação da pesquisa aos responsáveis institucionais e aos possíveis participantes e posterior anuência dos responsáveis pelos mesmos, via leitura e assinatura do



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após a devolução dos TCLEs assinados foi realizada, em uma única sessão, a coleta de dados nas salas de aulas. Os discursos foram, posteriormente, digitados em programa computacional editor de textos em sua integralidade, gerando o corpus da pesquisa, o qual foi submetido às análises em perspectiva fenomenológica, com a técnica da Análise Temática. Ressalte-se que na apresentação dos resultados preservou-se a grafia dos documentos originais, preservando a escrita dos adolescentes, mesmo quando eivadas de erros de ortografia ou outras impropriedades linguísticas.

Análise de Dados – A pesquisa de cunho qualitativo, com o uso de metodologia fenomenológica, objetiva analisar o conteúdo da experiência do indivíduo antes de qualquer interpretação reflexiva, não impondo critérios externos, e mantendo, dessa maneira, a sua essência. A análise dos dados foi realizada através da extração das descrições que os participantes fizeram de si mesmos, para posteriormente, serem organizadas em temas comuns, utilizando uma estratégia de triangulação metodológica com a técnica de Análise Temática (AT), formalizada em Terry, Hayfield, Clarke e Braun (2017). Seguida das indicações do método fenomenal de L'Ecuyer (1985), para efeito de comparação com algumas de suas estruturas, subestruturas e categorias, emergentes das declarações.

De acordo com Terry et al. (2017), o pesquisador, ao utilizar a AT, realiza um processo criativo e não meramente técnico, o qual envolve suas habilidades analíticas e conceituais, num movimento para frente e para trás entre as fases analíticas, buscando extrair o que o relato do participante transmite e não encaixando-o em algo pré-concebido. Como um método fenomenológico, devido a orientação experiencial, estas autoras, apontam seis etapas de análise:



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

- 1- Familiarização com os dados** - dá-se a partir de leituras e releituras ativas, buscando conhecê-los em profundidade, para encontrar padrões ou peculiaridades e formar conjuntos de segmentos específicos;
- 2- Codificação** - consiste da marcação de um termo ou frase que capture o significado de cada conjunto de segmentos específicos criados, cuja significação deve ser relevante para a questão de pesquisa;
- 3- Desenvolvimento de temas** - envolve o exame dos códigos e a combinação, agrupamento ou recolhimento destes em padrões maiores ou mais significativos, que podem ser agrupados em possíveis temas;
- 4- Revendo os temas** - constitui uma parte vital do processo analítico, na qual os temas são moldados, esclarecidos e até rejeitados. Durante essa revisão, verifica-se se os candidatos a temas capturam o significado nos segmentos de dados codificados e agrupados; se cada um, distintamente, relaciona-se com o conceito de organização central, ao mesmo tempo que relacionam-se entre si; e, se a história contada por meio dos temas responde à pergunta da pesquisa, sem perder a essência da experiência de cada participante;
- 5- Definindo e nomeando os temas** - consiste de breves resumos da ideia central e do significado de cada tema. Dá-se a partir de uma orientação interpretativa, a qual envolve contar uma história que se baseie nos dados e sobre eles, que dê sentido à padronização e à diversidade de significados, visando garantir clareza, coesão, precisão e qualidade da AT em desenvolvimento. Alguns temas também podem se desdobrar em subtemas, os quais capturam aspectos distintos de um tema, mas compartilham o mesmo conceito de organização central, não configurando um tema independente;
- 6- Produzindo o relatório** - neste ponto do processo, o pesquisador passa da análise pura e volta-se para o projeto de um modo geral, que já vem sendo escrito desde o início da análise. Aqui, o foco recai no refinamento e realiza-se uma correlação das análises com a literatura acadêmica e outras, buscando responder à sua pergunta de pesquisa.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise temática realizada neste estudo, apontou para sete temas: (1) Identificação; (2) Família; (3) Amigos; (4) Preconceito e Bullying; (5) Gostos; (6) Qualidades e (7) Sentimentos. Optou-se por usar nomes fictícios e trocar e/ou omitir alguns dados pessoais para preservar a identidade dos participantes. A seguir, cada uma das categorias temáticas será apresentada, explorada em sua riqueza de significados e interpretada à luz do modelo integrado de L'Ecuyer (1985).

1. Identificação (Nome, idade, sexo, moradia, escola) - Este tema refere-se a todas as declarações dos participantes que utilizam-se desses termos para responderem à pergunta “Quem é você?”.

Este tipo de afirmação foi utilizado por 86,38% dos participantes em suas respostas, evidenciando a importância que o nome, o sexo, a idade, a moradia e a escola têm na identidade desses adolescentes. O nome parece ser mais significativo no grupo de adolescentes provenientes da escola privada, pois dos nove provenientes desta, seis informaram seu nome, enquanto que apenas quatro entre os treze participantes provenientes de escola pública citaram seu nome. Possivelmente, alguns participantes têm o hábito de fornecer tais dados, geralmente solicitados no preenchimento de cadastros e formulários. Enquanto há participantes que citam ao mesmo tempo o seu nome, sua idade, seu sexo ou/e onde mora:

“Meu nome é Pedro Paulo². Tenho 10 anos moro em Itapissuma³” (P5, EPr, M, 10a).

*“Eu sou Carolina dos S***** (...) Eu sou uma menina”* (P11, EPu, F, 13a).

² Este e todos os demais nomes nos excertos são nomes-fantasia, para garantir o anonimato dos participantes, conforme a praxe científica.

³ Idem em relação a nomes de localidades. Ver nota de rodapé anterior (Nota 2).



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Outros afirmam apenas que são meninos ou meninas:

“Sou um menino (P4, EPr, M, 10a)

“Eu só uma menina” (P16, EPu, F, 11a)

“Sou uma menina” (P19, EPu, F, 10a).

A casa é tida como um dos lugares mais significativos para o indivíduo, por ser um espaço carregado de conteúdo emocional advindo da dinâmica familiar (Visca, 2018). Nessa amostra, apenas quatro dos nove estudantes da escola privada informaram onde moram, enquanto que nenhum dos estudantes advindos da escola pública citou a moradia em seu discurso. Para esses adolescentes, informar onde moram faz parte de seu autoconceito:

“Eu sou Valeska (...) tenho 10 anos (...) moro com meus avos na Rua ****⁴ N° 511”

(P1, EPr, F, 10a)

“Victor J**** eu moro em Itamaracá tenho 11 anos” (P8, EPr, M, 11a)

A escola é um cenário de destaque no desenvolvimento humano, pois é onde ocorrem as primeiras relações fora do contexto familiar e onde os indivíduos passam a maior parte do tempo, contribuindo na construção da própria identidade (Céos, 2020). As falas a seguir mostram como a escola faz parte da formação identitária desses adolescentes:

“Eu sou Maria Paula tenho 14 anos (...) Estudo na Escola *****” (P12, EPu, F, 14a)

“Eu tenho 11 anos, morro [sic] na Ilha de Itamaracá, Estudo na Escola N**”

(P9, EPr, M, 11a).

⁴ Os asteriscos foram também utilizados para resguardar a identidade dos participantes no corpus da pesquisa.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Segundo o modelo integrado de L'Ecuyer (1985), essas declarações fazem parte da estrutura **Si Mesmo Pessoal**, da subestrutura Identidade de si mesmo e da categoria *Denominações Simples*. A estrutura **Si mesmo pessoal** faz referência às características mais internas ou psíquicas do indivíduo, a subestrutura Identidade de si mesmo passa do nível meramente descritivo de si mesmo para um nível mais profundo da consciência de ser e de existir do indivíduo, a categoria *Denominações simples* faz referência ao nome, idade, moradia e sexo.

2. Família (pai, mãe, irmãos, tios, primos e avós) - Essa categoria refere-se aos enunciados em que os participantes citam a família ou um de seus membros.

Dos 22 participantes, 16 citaram algum membro da família ou a palavra família, sendo oito participantes da escola pública e oito da escola privada, sugerindo que esse tema é mais significativo para o grupo de adolescentes oriundos da escola privada. Segundo Cruz e Esposito (2013) o autoconceito se desenvolve durante a infância e adolescência a partir da percepção das avaliações que as pessoas significativas fazem a respeito do indivíduo. A família, principalmente os pais, têm fundamental importância por serem os primeiros a terem contato com a criança. Para Baptista, Rueda e Brandão (2017) e Céos (2020), os indivíduos que possuem boas relações familiares tendem a se perceberem mais positivamente do que os que possuem um relacionamento familiar fragilizado. Portanto, um relacionamento familiar saudável pode tornar a autoimagem do indivíduo positiva, mesmo que sua autorepresentação não esteja dentro dos parâmetros de beleza estabelecidos socialmente. Esta adolescente parece ter um autoconceito positivo por receber suporte dos pais e, dessa maneira, procura retribuir o amor e cuidado deles com um comportamento impecável:



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

“Sou uma menina inteligente (...) Sou calma, amiga e bonita.

Sou obediente aos meus pais e aos mais velhos e professores.

Tiro notas boas na escola, e aos meus pais eu orgulho.”

(P19, EPu, F, 10a).

Para Martins e Veiga (2019), um dos vários fatores que podem influenciar a constituição do autoconceito do indivíduo, diz respeito a como as pessoas significativas em sua vida o percebem. Assim, vai construindo sua noção do “eu” a partir de suas experiências pessoais e da interação com esses outros significativos, bem como com o contexto em que se encontra inserido. No excerto seguinte, esse adolescente parece muito satisfeito com o ambiente familiar que faz parte, o que pode estar influenciando seu autoconceito de forma positiva:

“(...) sou um menino competente e alegre (...) Gosto de dar carinho e de dar amor. As palavras que aparecem na minha casa é: amor, paz, união, amizade, felicidade e fiel.” (P4, EPr, M, 10a).

Essa outra adolescente diz que recebeu de seus pais ensinamentos fundamentais para sua vida:

“Eu me vejo uma menina simpática, que ama muito seus pais (...) meus pais me deram educação, para principalmente Respeitar os mais velhos.” (P7, EPr, F, 11a).

Indivíduos portadores de autoconceito positivo expressam sentimentos positivos, tantos em relação a si mesmos como pelos outros. Além disso, constitui um componente essencial para a promoção da saúde mental, boa socialização e bem-estar do indivíduo (Ceos, 2020; Ferro & Boyle, 2013; Martins & Veiga, 2019). Em um estudo realizado por Botega (2015) sobre autoconceito em crianças



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

quilombolas a figura dos avós aparece como algo significativo na constituição do indivíduo, pelos mesmos contribuírem no cuidado e educação de seus netos para que seus pais possam trabalhar. Para a autora, as vozes dos avós apontam para imagens de si, como os discursos seguintes:

“(...) gosto da minha Família moro com meus avos” (P1, EPr, F, 10a)

“(...) e o que eu gosto de fazer da vida e Aguda [sic] os meus pais e meus avos (...) eu fazo [sic] de tudo um pouco [sic] para agudar [sic] minha faminha [sic].”

(P3, EPr, M, 12a)

“(...) sou criado pela minha avó.” (P9, EPr, M, 11a).

No modelo integrado de L’Ecuyer (1985), todos enunciados em que o indivíduo se refere às pessoas significativas como “suas” compõem a categoria *Possessão de pessoas*, que está contida na subestrutura Si mesmo possessivo que incluem os elementos que podem ser chamados de “meus”, podendo tanto ser objetos como pessoas. Dos 22 participantes, 19 utilizaram em seus discursos essa categoria, como por exemplo:

“(...) moro com a minha mãe e com meu pai (...) Brinco muito com o meu Pai devez incando [sic] eu Brinco com a minha mãe eu sou muito divertido gosto de viajar e dar umas passiadinha [sic] e conversar com meus colegas” (P6, EPr, M, 11a)

“(...) gosto de Pasia [sic] com minha Mãe e mei [sic] Pai (...) Brigo com minha irmã e meus Irmão [sic]” (P16, EPu, F, 11a).



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

No caso dessa amostra, nenhum dos participantes fez referência à categoria *Possessão de objetos*. Essa subestrutura faz parte da estrutura **Si mesmo Material**, que corresponde às referências que o indivíduo faz ao corpo e às possessões com as quais se identifica.

3. Amigos - Essa categoria refere-se aos enunciados em que os adolescentes citam que possuem amigos e o quanto gostam de participar de atividades com eles, mostrando interesse em interagir socialmente.

Esse tema é abordado por apenas nove dos 22 participantes, portanto não possui a frequência que, geralmente, é esperada num grupo de adolescentes dessa faixa etária. Cruz e Esposito (2013) dizem que a reputação do indivíduo é avaliada pelo prestígio entre os pares e, à medida em que alcança sucesso vai acreditando em si mesmo e repassando aos outros essa impressão de credibilidade, fazendo com que haja um aumento no *status* social. Mostrado nos seguintes relatos:

“(...) gosto de Brincar sorri [sic] com minhas Amigas” (P16, EPu, F, 11a)

“(...) todos somos muito amigos (...) tenho uma melhor amiga” (P22, EPu, F, 12a)

“(...) Gosto muito de Jogar bola com meus amigos” (P5, EPr, M, 10a).

É possível que a ausência de referências a amigos de alguns desses adolescentes se deva a algum problema de relacionamento interpessoal, como mostrado nesse caso:

“(...) não gosto de pessoas mau [sic] educadas, que gosta de fazer as pessoas passar vergonha.” (P7, EPr, F, 11a).



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

Segundo o modelo integrado de L'Ecuyer (1985), os enunciados em que o indivíduo emerge de si mesmo e se abre para o outro pertence à estrutura **Si mesmo social**, que está subdividida em duas subestruturas: Preocupações e atividades sociais e Referência ao sexo. A primeira engloba os enunciados em que os indivíduos especificam a participação ou o desejo de envolverem-se em atividades com outras pessoas, subdividindo-se em três categorias: 1- *Receptividade*, 2-*Dominação* e 3-*Altruísmo*.

Receptividade refere-se aos enunciados em que o indivíduo demonstra que estabelece uma comunicação positiva com o próximo ou desejo de se comunicar com ele, como nesses excertos:

“(...) vou brincar [sic] de Bola na rua com meus colegas e vou depois para casa do meu colega para jogar pestecho [sic] 3 ou XBOX ou de eskeite” (P21, EPu, M, 11a)

“(...) gosto de viajar e dar umas passiadilha [sic] e conversar com meus colegas da Rua” (P6, EPr, M, 11a).

Dominação refere-se ao aspecto negativo em que o indivíduo domina ou se sente dominado em relação aos demais, em que diversas formas de agressividade ocorrem de modo real ou velado. Como pode ser visto nesse discurso:

“[Sou] Uma pessoa alegre que bate nos meninos quando estão brincando [sic]” (P22, EPu, F, 12a).

Altruísmo refere-se ao enunciado em que o indivíduo se coloca a serviço do próximo sem esperar nada em troca, como mostrado nos excertos:

“(...) e o que eu gosto de fazer da vida e [sic] Aguda [sic] os meus pais e meus avos [sic] (...) eu fazo [sic] de tudo um poco [sic] para agudar [sic] minha faminha [sic].” (P3, EPr, M, 12a)



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

“Sou um menino que costa [sic] de compartilhar as coisas com meus amigos (...) e gosto muito das pessoas amo estudar e ajudar as pessoas e eu ajudo minha mãe nas coisas mais diviceis [sic] (...) Gosto de dar carinho e de dar amor.”

(P4, EPr, M, 10a)

“(...) adoro também [sic] ajuda [sic] minha mãe” (P10, EPu, F, 12a).

A segunda subestrutura Referência ao sexo, engloba os enunciados que mostram como está integrada a realidade sexual do indivíduo, como tomada de consciência e tipos de comunicações com o próximo como pessoas sexuadas. Não se trata de uma simples referência ao próprio sexo, mas da relação com o outro. Subdivide-se em duas categorias: 1-*Referência simples*, e 2-*Atração e experiências sexuais*. A categoria *Referência simples* se refere aos enunciados simples, como mostra o seguinte excerto:

“(...) tenho uma melhor amiga” (P22, EPu, F, 12a).

Atração e experiências sexuais, referem-se aos enunciados que mostram uma maior ou menor sensibilidade diante de experiências sexuais mais profundas. Como no seguinte excerto:

“(...) tenho um namorado” (P22, EPu, F, 12a).

Outra estrutura do modelo integrado de L’Ecuyer que emerge dos discursos relacionada ao tema Amigos é **Si mesmo pessoal**, que corresponde aos enunciados em que o indivíduo referencia suas características mais internas, desdobrando-se em duas subestruturas: Imagem de Si mesmo, e Identidade de si mesmo. A categoria *Enumeração de atividades*, uma das seis categorias da subestrutura Imagem de si mesmo, aparece neste excerto associado ao tema Amigos:



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

“(...) quando termino de estudar you brincar [sic] de Bola na rua com meus colegas e you depois para casa do meu colega para jogar pestecho [sic] 3 ou XBOX ou de eskeite e depois you para casa e assisto novela tomo Banho e you dormir.”
(P21, EPu, M, 11a).

4. Preconceito e Bullying - Este tema refere-se aos enunciados em que os adolescentes declararam que já sofreram algum tipo de preconceito ou já presenciaram alguém nessa situação.

O preconceito é caracterizado por um conceito pré-concebido sobre grupos desvalorizados socialmente por determinadas características individuais, associando-as a qualidades negativas (Crochick, 2019). A escola é reconhecidamente um espaço de formação, tanto cognitivo como social e emocional, onde crianças e adolescentes têm oportunidade de interagir com seus pares. Contudo, tem sido palco de um fenômeno chamado *Bullying*, que se caracteriza por agressões, físicas ou verbais, intencionais e repetitivas, como também indiferença e exclusão de grupos, causando sofrimento físico e psíquico às vítimas (Céos, 2020). Tais agressões, geralmente, estão associadas a algum tipo de preconceito e, de acordo com Crochick (2019), nem toda agressão constitui *bullying*, mas o *bullying* é sempre uma agressão. Como referido no discurso dessa adolescente, que além de testemunhar episódios de *bullying* também foi vítima:

“(...) eu já vi algumas Pessoas sofrendo de Bullying [sic] eu tenho 10 anos eu já sofri de Bullying [sic] já ficaram me apelidando mas Passou. (...) alen [sic] do mais eu não sofro mais de Bullying [sic]”. (P2, EPr, F, 10a).

Nessa fase da vida, ser aceito torna-se o objetivo do estudante. Mas determinadas características tornam-no alvo de preconceitos (atributos físicos, psicológicos, socioeconômicos, de raça e orientação sexual específicos), podendo levá-lo a ser uma vítima potencial de *bullying*, como resposta a não



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

aceitação do outro como diferente e na tentativa de autoafirmação. Como por exemplo, estudantes que manifestam insatisfação com sua autoimagem têm maiores chances de ocupar o lugar de vítima (Céos, 2020; Crochick, 2019). Como mostrado no estudo de Carvalho et al. (2005), que investigou o autoconceito e autoimagem em crianças obesas, verificando que a maioria destas não se acham bonitas e estão insatisfeitas com seu corpo. Como nesse excerto:

“(...) Sou gordo, e muitas vezes por causa desse peque [sic] detalhe as pessoas zombam de mim, mas não dou Atenção por Que Eu sou o que Eu Sou, não o que as pessoas dizem” (P9, EPr, M, 11a).

Com relação à etnia, a cor negra ainda tem sido alvo de preconceito, apesar de já existirem leis regulamentadas para inibir esse tipo de comportamento, como mostra o excerto abaixo:

“(...) Eu tambem [sic] asves [sic] muito arretado porque alguns garotos ficam me chamano[sic] de negro, macaco. Mas [sic] conhecido como racismo.” (P13, EPu, M, 12a).

Com relação aos três personagens envolvidos no bullying, agressor, vítima e plateia, há uma disparidade de poder entre eles (Crochick, 2019). Essas relações de poder, existentes na escola, possivelmente advém de um modelo social que incentiva a competição e não a colaboração. Os agressores geralmente são pessoas populares e que exercem domínio sobre os seus alvos, como também há agressores inseguros que também são vítimas e agridem para encobrirem suas limitações (Bandeira & Hutz, 2010). Nesse relato, essa adolescente parece exercer domínio sobre os colegas e percebe como uma qualidade falar o que pensa sem medir as consequências:



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

“Uma pessoa alegre que bate nos meninos quando estão brincando [sic] e eu brinco demais, nós brincamos demais e todos somos muito amigos (...) falo o que penso sem medo do que vão falar” (P22, EP, F, 12a).

As vítimas tendem ao isolamento, motivo este que pode torná-las alvo de agressões constantes e, por não conseguirem se defender, ficam inseguras, com medo e vergonha, tornando-se menos populares e privadas de uma rede social de apoio na escola, o que faz com que haja um declínio da autoestima, podendo chegar a apresentar altos níveis de depressão. Os prejuízos podem ser tanto físicos quanto emocionais, ou os dois (Bandeira & Hutz, 2010; Céos, 2020; Crochick, 2019). Como mostrado nesses relatos, em que uma das estudantes se considera muito tímida, apesar de não dizer que é vítima de *bullying*, sendo provável que seja uma testemunha e que receie de vir a se tornar uma vítima. A outra, mesmo não assumindo que seja vítima de *bullying*, parece ter passado por uma experiência como vítima ou como testemunha por possuir características que são vistas, numa sociedade competitiva, como sinal de fraqueza:

“eu sou um [sic] menino [sic] muito [sic] carinhoso [sic] muito [sic] Temida [sic] (...) eu não gosto de Briga [sic] com meus [sic] amigos eu sou um [sic] menino [sic] muito [sic] mas muito [sic] tímido [sic]” (P15, EPu, F, 12a).

“(...) Eu me vejo uma menina simpática, que ama muito seus pais. (...) estou muito triste, porque minha tia sofreu um acidente(...) Eu não gosto de amizade falsa pois acho isso muito feio, não gosto de pessoas mau educadas, que gosta de fazer as pessoas passar vergonha” (P7, EPr, F, 11a).



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

As testemunhas presenciam as agressões sem tomarem parte delas, algumas sentem empatia pela vítima e desejam que professores e diretoria tomem as providências cabíveis, no entanto, há outras que mesmo não concordando com as agressões e nem participando delas, são expectadores omissos, talvez por terem medo de se tornarem a próxima vítima (Bandeira & Hutz, 2010). Nos próximos relatos percebe-se que os adolescentes fazem questão de dizer que não são praticantes de *bullying*, no entanto, não mostram qualquer atitude para impedir que outros o façam e, no relato seguinte, a adolescente faz questão de dizer que nunca sofreu preconceito:

“(...) eu não chigo [sic] meus colega [sic], não fso [sic] bule [sic] sou uma boa pessoa” (P1, EPr, F, 10a)

“(...) não provoco ninguém na escola, mem [sic] em casa (...) não sou rasista [sic]” (P10, EPu, F, 12a).

“(...) Nunca sofri algum tipo de preconceito” (P12, EPu, F, 14a).

Este tema está diretamente relacionado com o anterior (Amigos), mostrando que, quanto menor for o *status* social do indivíduo e sua rede social de apoio, maior será a probabilidade de tornar-se vítima, tanto por não ter quem o defenda dos ataques como também por sua autoestima está afetada. Para Cruz e Esposito (2013) e Céos (2020), a opinião dos outros pode influenciar o conceito que o indivíduo tem de si mesmo, assim como o seu grau de autoestima pode determinar até que ponto essa influência é exercida. Os adolescentes que afirmaram serem vítimas de *bullying* não citam o tema Amigos em seu discurso.

No Modelo integrado de L’Ecuyer (1985) as categorias que se relacionam com este tema pertencem às estruturas **Si mesmo social** e **Si mesmo adaptativo**. A primeira se refere aos enunciados em que o indivíduo emerge de si mesmo para se abrir aos outros, interagindo. A categoria que



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

emerge é a de *Dominação* que faz parte da subestrutura Preocupações e atividades sociais, que compreende os enunciados em que o indivíduo indica que participa ou deseja participar de atividades com os outros. A categoria *Dominação* corresponde aos enunciados em que o indivíduo indica que exerce domínio sobre o outro ou se sente dominado pelos outros, como mostra o seguinte excerto:

“Uma pessoa alegre que bate nos meninos quando estão brincando [sic]” (P22, EPu, F, 12a).

A segunda estrutura **Si mesmo adaptativo** refere-se às reações que o indivíduo tem diante de suas percepções de si mesmo. Essa estrutura se desdobra em duas subestruturas: Valor de si mesmo, e Atividades de si mesmo. A categoria que emerge e possui relação com este tema é *Atualização de si mesmo*, que está contida na segunda subestrutura, referindo-se aos enunciados em que o indivíduo tem uma sensação de evolução positiva em sua vida presente, como mostram os seguintes relatos:

“Eu sou uma menina carioca [sic] Que fui deixada pela minha mãe quando Era pequena mais [sic] já [sic] Superei isso” (P11, Escola Pública, Feminino, 13 anos)

“(...) eu já sofri de Bullying [sic] já ficaram me apelidando mas Passou” (P2, EPr, F, 10a).

5. Gostos - Esse tema reúne enunciados em que o indivíduo cita as coisas ou atividades que gosta como: alimentos, brincadeiras, jogos, passeios, etc.

Dos 22 participantes 17 apresentaram este tipo de enunciado, evidenciando, assim, que os gostos e interesses podem dizer muito a respeito da personalidade do indivíduo, como a seguir:

“(...) gosto muito de assistir televisão e de entrar na Internet (faceBook).” (P9, EPr, M, 11a)



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

“(…) Gosto de me divertir, de brincar, (...) Gosto muito de ir a escola, de estudar, fazer atividades. (...) Gosto de sair com as minhas tias. e viajar pra casa de praia.” (P10, EPu, F, 12a)

“(…) Gosto de comer de tudo mais [sic] minha comida preferida é japonesa. adoro mim [sic] aventura [sic]” (P11, EPu, F, 13a).

No Modelo Integrado de L’Ecuyer (1985) este tipo de enunciado, em que o indivíduo se refere às coisas que exercem atração ou repulsão sobre ele, corresponde à categoria *Gostos e interesses*, que está contida na subestrutura Imagem de Si mesmo, que compreende uma variedade de descrições abarcando vários aspectos da experiência de si mesmo que, por sua vez, está contida na estrutura **Si mesmo pessoal**, que corresponde às características mais internas ou psíquicas do indivíduo. Esta categoria difere da categoria enumeração de atividades, por mencionar a afeição que tem por elas.

6. Qualidades - Este tema reúne os enunciados em que os adolescentes usam qualidades positivas ou negativas para descrever a si mesmos.

Tanto a autoimagem, a autoestima e a identidade são importantes constituintes do autoconceito. A autoimagem é produto de observações em que o indivíduo é o objeto de sua própria percepção, podendo ter diversas autoimagens e atribuir valores diferenciados hierarquicamente. A autoestima é a avaliação que o indivíduo faz de suas qualidades e desempenhos, que pode variar entre aquele que se julga eficaz e competente e o que tem a tendência à autodepreciação (Céos, 2020; Martins & Viegas, 2019). Como mostrado nos excertos seguintes:

“(…) Eu me vejo uma menina simpática” (P7, EPr, F, 11a)



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

“(...) Eu só [sic] uma menina muito chato [sic] Brigo com minha irmã e meus Irmão [sic] só [sic] fei [sic] chato carinhoso [sic].” (P16, EPu, F, 11a).

Os estudos de Cruz e Esposito (2013) apresentaram uma relação positiva entre autoconceito e desempenho escolar. Aqueles que possuem um bom desempenho escolar são mais predispostos a pensarem positivamente sobre si mesmos. O mesmo foi confirmado por Murgo e Sena (2018) e Sacilotto e Abaid (2021), que reforçaram o autojulgamento com base em comparações que fazem entre si mesmos e as reações dos outros em relação ao seu desempenho, bem como o nível do autoconceito social. Esses relatos mostram um bom desempenho acadêmico e um autoconceito positivo:

“(...) sou um menino competente e alegre (...) amo estudar (...) e luto estudando para

ter um futuro melhor.” (P4, EPr, M, 10a)

“Sou uma menina inteligente, gosto muito de estudar pra tirar boas notas e passar de ano. Sou calma, amiga e bonita. (...) Tiro notas boas na escola, e aos meus pais eu orgulho.” (P19, EPu, F, 10a).

Delgado, Inglés e García-Fernández (2013) apontam a ansiedade social como preditivo para o desenvolvimento de um autoconceito negativo. Adolescentes que apresentam ansiedade social são mais instáveis emocionalmente do que os que não a têm. Como mostra o próximo excerto, no qual a estudante reconhece que apesar de ser tímida, também possui qualidades positivas:

“eu sou um o [sic] menino [sic] munto [sic] carinhoso [sic] nunto [sic] Temida [sic] eu sou munto [sic] inteligente (...)



Revista **AMazônica**, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

eu sou um [sic] menino [sic] muito [sic] mas muito [sic]

tímido [sic].” (P15, EPu, F, 12a).

No modelo integrado de L’Ecuyer (1985), quando as qualidades citadas estão relacionadas ao corpo correspondem à estrutura **Si mesmo Material**, que engloba os enunciados em que o indivíduo menciona seu próprio corpo e as diferentes possessões a qual ele se identifica, a qual se desdobra em duas subestruturas: Si mesmo somático e Si mesmo possessivo. A subestrutura Si mesmo somático se desdobra em duas categorias: 1-*Características e aparência física*; 2-*Condição física*.

A categoria *Características e aparência física* engloba todos os enunciados onde o indivíduo menciona diferentes partes de seu corpo ou as descreve em termo de aparência, como segue:

“(…) *Sou calma, amiga e bonita*” (P19, Escola Pública, Feminino, 10 anos)

“(…) *Sou gordo*” (P9, EPr, M, 11a)

“*A cor da minha Pele e [sic] Parda meu cabelo e [sic] preto*” (P6, EPr, M, 11a).

A categoria *Condição física* corresponde aos enunciados em que o indivíduo faz referência ao estado de saúde, a diversas sensações corporais, enfermidades e atividades fisiológicas gerais, como mostram os excertos:

“(…) *eu sou muito nevozo [sic]*” (P6, EPr, M, 11a)

“(…) *sou destro.*” (P8, EPr, M, 11a).

Quando as qualidades referem-se aos estados mais internos ou psíquicos do indivíduo fazem parte da estrutura **Si mesmo pessoal**, que se desdobra em duas subestruturas: Imagem de si mesmo e Identidade de si mesmo. A primeira compreende uma variedade de



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

descrições que reúne aspectos distintos da experiência de si mesmo.

Desdobra-se em seis categorias: 1-*Aspirações*; 2-*Enumeração de atividades*; 3-*Sentimentos e emoções*; 4-*Gostos e interesses*; 5-*Capacidades e atitudes*; e 6-*Qualidades e defeitos*.

A categoria *Qualidades e defeitos* contém as descrições de si mesmo que utilizam qualidades positivas ou negativas, como mostra o excerto abaixo:

“(...) eu sou um [sic] menino [sic] muito [sic] carinhoso [sic] muito [sic] tímida [sic] eu sou muito [sic] inteligente (...) eu sou um [sic] menino [sic] muito [sic] mas muito [sic] tímido [sic] é ela [sic] sou eu.” (P15, EPu, F, 12a).

7. Sentimentos – Esse tema reúne os enunciados em que os participantes expressam seus sentimentos, tanto positivos como negativos. Este participante expressa em seu discurso os sentimentos bons que são resultados de um suporte emocional obtido através de um relacionamento familiar positivo:

“(...) Gosto de dar carinho e de dar amor. As palavras que aparecem na minha casa é: amor, paz, união, amizade, felicidade e fiel. Cremos no Senhor deus e amo ele deus e o meu Pai.” (P4, EPr, M, 10a).

Esta outra participante parece retribuir à mesma altura o carinho que recebe do pai, percebendo ser maior do que o que recebe da mãe. Além disso, demonstra tristeza pelo infortúnio passado por uma pessoa significativa:

“(...) Sou mais apegada com meu pai, eu acho que ele é mais carinhoso e amoroso do que minha mãe. Gosto de toda



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

minha família mas estou muito triste, porque minha tia sofreu um acidente, mas ela esta bem” (P7, EPr, F, 11a).

A categoria pertencente ao Modelo Integrado de L’Ecuyer (1985) que está relacionada com este tema é a *Sentimentos e emoções*, que engloba os enunciados em que o indivíduo expressa seus estados emocionais. Esta categoria está contida na subestrutura Imagem de si mesmo, que se refere aos enunciados em que os indivíduos descrevem diversos aspectos da experiência de si mesmo. Essa subestrutura que compõe a estrutura **Si mesmo pessoal**, que engloba os enunciados em que o indivíduo faz referência às suas características mais internas ou psíquicas. Este participante expressa um sentimento de frustração, através do sentimento do grupo do qual faz parte, ao ser questionado acerca de quem ele é:

“(...) E nem GANHAMOS meDALHAS todos do time Ficou [sic] TRISTE [sic] sem medalha.” (P14, EPu, M, 11a).

Um outro participante expressa um sentimento de raiva por não ser respeitado pelos colegas:

“Eu tambem [sic] asves [sic] muito arretado porque alguns garotos ficam me chamano [sic] de negro, macaco.” (P13, EPu, M, 12a).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da escassez de estudos de cunho fenomenológico sobre o autoconceito, sobretudo aqui no Brasil, este estudo objetivou descrever, sob a perspectiva do Modelo Integrado de L’Ecuyer (1985), o conteúdo fenomenológico das dimensões constituintes do autoconceito de estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental de



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

escolas públicas e privadas do grande Recife. Os resultados obtidos revelaram que este modelo é válido para descrever o autoconceito fenomenal em adolescentes. No entanto, este estudo possui algumas limitações como o tamanho reduzido da amostra, além de não abranger toda a adolescência, o que pode ter contribuído para a não revelação de todas as categorias propostas pelo modelo. Sendo, portanto, necessário que se realizem novos estudos que ampliem as amostras e abarquem todas as faixas etárias da adolescência.

Dos relatos dos estudantes dessa amostra, por meio de análise temática, emergiram sete temas abrangentes constituintes, a saber: Identidade; Família; Amigos; Preconceito e *Bullying*; Gostos; Qualidades; e Sentimentos. Os quais revelaram respectivamente, a importância dada pelos estudantes, aos dados que o identificam como cidadãos como, nome, idade, sexo, moradia e escola, os quais são, geralmente, solicitados para preenchimento de cadastros e constam nos documentos oficiais dos indivíduos. Bem como à boa relação familiar e social, revelada nos temas Família e Amigos, considerados importantes constituintes do autoconceito, uma vez que manter boas relações nessas instâncias, faz com que a autopercepção, a autoaceitação, a autoconfiança e, por conseguinte a credibilidade entre os pares se elevem positivamente, funcionando também como preditor e promotor de saúde mental (ver Baptista, Rueda & Brandão, 2017; Botega, 2015; Céos, 2020; Cruz & Espósito, 2013; Ferro & Boyle, 2013; Martins & Veiga, 2019).

Ao contrário dos adolescentes que vivenciam experiências negativas como o preconceito e o *bullying*, manifestadas em sentimentos de raiva, tristeza, isolamento e desinteresse por atividades sociais, com consequente autoconceito negativo e baixa autoestima (ver Bandeira & Hutz, 2010; Céos (2020); Crochick, 2019; Cruz & Esposito, 2013; Ferro & Boyle, 2013). Os gostos e



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

interesses que surgiram têm relação direta com as atividades realizadas junto às pessoas significativas, expressados por sentimentos positivos, tantos em relação a si mesmos como ao outro. Seguidas de exposição de qualidades positivas associadas à autoimagem, à autoestima e um bom desempenho escolar (ver Céos, 2020; Ferro & Boyle, 2013; Martins & Viegas, 2019; Murgo & Sena, 2018), mas também negativas associadas à ansiedade social, a qual, juntamente com o preconceito, o *bullying* e os sentimentos negativos decorrentes, são preditivas para o desenvolvimento de autoconceito negativo, podendo, inclusive, provocar prejuízos à saúde mental (ver Céos, 2020; Ferro & Boyle, 2013; Delgado, Inglés & García-Fernández, 2013).

Neste estudo pôde-se verificar que o Modelo Integrado de L'Ecuyer (1985) mostrou-se válido para realizar uma descrição fenomenal do autoconceito de adolescentes pernambucanos. No entanto, é necessário que sejam realizados estudos com amostras mais extensas para que o modelo seja testado de forma mais robusta para uma validação mais efetiva, englobando uma faixa etária mais global, para que verifique-se a emergência de categorias do modelo referido que não emergiram nesse corpus.

Salienta-se ainda, o baixo nível de competências de escrita e de expressão linguística, no alunado do ensino fundamental operado nos municípios pernambucanos onde essa pesquisa foi realizada, o qual reflete-se na grande quantidade de erros ortográficos apresentados nos relatos dessa amostra. O precário domínio vocabular pode ter um correlato nas competências de comunicação do autoconceito experienciado durante a resposta ao protocolo no relato ao pesquisador. A utilização de triangulação metodológica com uso de fontes de dados diversas como entrevistas e associações-livres pode minimizar esta dificuldade e oportunizar um teste empírico mais



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

facilitado e confiável do Modelo Integrado de Autoconceito de

L'Ecuyer (1985) ora em tela em estudos futuros.

REFERÊNCIAS

- Bandeira, C. de M., & Hutz, C. S. (2010). As implicações do bullying na auto-estima de adolescentes. *Psicologia Escolar e Educacional*, 14(1), 131-138.
- Baptista, M. N., Rueda, F. J. M., & Brandão, E. M. (2017). Suporte familiar e autoconceito infantojuvenil em acolhidos, escolares e infratores. *Revista Psicologia em Pesquisa*, 11(1).
- Botega, G.P. (2015). Autoconceito de crianças Quilombolas: Por entre as vozes das avós e dos/as professores/as. *Revista Eletrônica de Educação*, 9(1), 48-64.
- Caldin, L. N., Medina, L. A. C., Silva, R. A., ... & Caetano, J. Á. (2021). Autoconceito e função do papel em pacientes com câncer de cabeça/pescoço. *Acta Paulista de Enfermagem*, 34. 1.
- Carvalho, A.M.P., Cataneo, C., Galindo, E.M.C, & Malfará, C.T. (2005). Autoconceito e imagem corporal em crianças obesas. *Paidéia*, 15(30), 131-139.
- Céos, C. P. (2020). Autoconceito, bullying e preconceito: uma análise a partir de estudantes de escolas públicas. (Dissertação de mestrado em Psicologia, Universidade Federal de Sergipe, Brasil).
- Chalmers, D. J. (1996). *The Conscious Mind: In search of a fundamental theory*. Oxford: Oxford University Press.
- Crochick, J. L. (2019). Preconceito e bullying: marcas da regressão psíquica socialmente induzida. *Psicologia USP*, 30.
- Cruz, L.M.C., & Esposito, Y. L. (2013). Autoconceito e sua relação com prestígio entre os colegas, nível socioeducacional e inteligência. *Cadernos de Pesquisa*, 6, 36-45.
- Delgado, B., Inglés, C.J., & García-Fernández, J.M.(2013). Social Anxiety and Self-Concept in Adolescence. *Revista de Psicodidáctica*, 18, 179-194.doi:10.1387/RevPsicodidact.6411.
- Ferro, M. A., & Boyle, M. H. (2013). Self-Concept Among Youth With a Chronic Illness: A Meta-Analytic Review. *Health Psychology*, 32(8), 839-848.
- Figueiredo, L. C. M., & de Santi, P. L. R. (2011). *Psicologia: Uma (nova) introdução*. 3ª Ed. São Paulo: EDUC.
- Gecas, V. (1982). The self-concept. *Annual Review of Sociology*, 8, 1-33.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

- Hoffmann, C., Marchi, J., Comoretto, E., & Moura, G. L. D. (2018). Relações entre autoconceito profissional e produtivismo na pós-graduação. *Psicologia & Sociedade*, 30.
- L'Ecuyer, R. (1985). *El concepto de si mismo*. Oikos-Tau, S.A.
- Magalhães, J. H. G., Nascimento, A. M., & Roazzi, A. (2019). O método introspeccionista e a investigação da consciência fenomenal: Algumas considerações. *Amazônica - Revista de Psicopedagogia, Psicologia escolar e Educação*, 23(1), 62-79. ISSN 2318-8774 (digital)-eISSN 2558-1441 – (On line) <https://bit.ly/2LcdyYi>
- Marques, A. M. (2021). *Interrelações entre bullying, autoconceito e empatia: um estudo exploratório numa Escola TEIP* (Dissertação de mestrado em Psicologia, Universidade Católica Portuguesa, Porto, Portugal).
- Martins, M. D. C., & Veiga, F. H. (2019). Caracterização das atitudes dos jovens face a si próprios, idade e sexo. In *XIV Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação–2018: Ciências, Culturas e Cidadanias* (pp. 574-585). Universidade de Coimbra.
- Mejía-Rodríguez, A. M., Luyten, H., & Meelissen, M. R. (2021). Gender differences in mathematics self-concept across the world: An exploration of student and parent data of TIMSS 2015. *International Journal of Science and Mathematics Education*, 19(6), 1229-1250.
- Murgo, C. S., & Sena, B. C. S. (2018). Estudo qualitativo sobre o Autoconceito Escolar na perspectiva de crianças do Ensino Fundamental. *Ciênc. Cogn*, 237-248.
- Nascimento, A. M. et al. (no prelo). Autoconceito fenomenal em universitários: uma análise temática no modelo de René L'Écuyer. In: A. M. Nascimento (Org.). *Autoconsciência, Consciência e Cognição de alta ordem: Perspectivas em Psicologia Cognitiva* (e-book).
- Novaes, M. H. (1985). Autoconceito – um sistema multidimensional hierárquico e sua avaliação em adolescentes. *Arq. Bras. Psic.*, 37(3), 27-43.
- Quevedo, N., Moreira, M. B., Silveira, M. G. D. S., Abad, M. A. S., de Medeiros Bofill, M. A., & Dinardi, A. (2018). Bullying: relato de experiências em uma escola pública no município de Uruguaiana - RS. *Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão*, 10(1).
- Sacilotto, A. L., & Abaid, J. L. W. (2021). Autoconceito em adolescentes e suas relações com desempenho escolar e práticas parentais. *Barbarói*, 58, 30-46.
- Terry, G., Hayfield, N., Clarke, V., & Braun, V. (2017). Thematic analysis. In: C. Willig & W. Staiton-Rogers (Eds.), *The SAGE handbook of qualitative research in psychology* (pp. 17-37). Sage Publications.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Visca, J. (2018). *Técnicas Projetivas Psicopedagógicas e Pautas Gráficas Para Sua Interpretação* - 6ª. Edição. Buenos Ayres: Visca & Visca Editores,.

Zumalabe, J. M. (1990). La importancia de la experiencia subjetiva en el estudio de la personalidad: Un enfoque fenomenológico-cognitivo. *Anuario de Psicología*, 45, 23-41.

Recebido 30/10/2021. Aceito: 20/12/2021.

Sobre autores e contato:

Verônica Barros de Fonte Silva

UFPE – Psicóloga – Mestre

E-mail: veronicabfsilva@yahoo.com.br

<http://orcid.org/0000-0001-7084-9702>

Alexsandro Medeiros do Nascimento

Doutor, Departamento de Psicologia – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – Coordenador do Laboratório de Estudos de Autoconsciência, Consciência, Cognição de Alta Ordem e Self (LACCOS)

E-mail: alexmeden@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-9981-8384>

Marijaine Rodrigues de Lima Freire

UFPE – Psicóloga – Mestre

E-mail: jaine.freire@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-7990-0348>

Antonio Roazzi

Ph.D., Departamento de Psicologia – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

E-mail: roazzi@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6411-2763>

<http://lattes.cnpq.br/6108730498633062>

https://www.researchgate.net/profile/Antonio_Roazzi